

A Opinião de Estudantes de Terapia Ocupacional sobre o Processo de sua Formação Profissional

The Opinion of Occupational Therapy Students about the Process of their Professional Training

Daniel M. Cezar Cruz

Terapeuta ocupacional, Mestre em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Residente da Associação de Assistência à Criança Deficiente- A.A.C.D. de São Paulo

Ioneide Oliveira Campos

Terapeuta ocupacional, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de São Paulo- USP em Ribeirão Preto-SP. Terapeuta ocupacional do Instituto de Infectologia Emílio Ribas

RESUMO

A formação profissional de estudantes de terapia ocupacional e seu processo de construção como terapeuta ocupacional são um importante tópico para discussão. A partir de uma avaliação da disciplina de Atividades e Recursos Terapêuticos-II do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, dezessete estudantes reportaram suas concepções acerca do assunto. O conhecimento produzido foi analisado por seu conteúdo em três categorias. As evidências fornecem implicações principalmente para o uso de atividades como experimentação na formação profissional em terapia ocupacional.

Palavras-chave: educação, terapia ocupacional, conhecimento, instrumentação, métodos, atividades cotidianas.

ABSTRACT

Students professional training in occupational therapy and their construction process as an occupational therapist is an important topic for discussion. Through an evaluation of Therapeutic Activity and Resource-II course of Occupational Therapy Department at *Universidade Federal de São Carlos-UFSCar*, seventeen students reported their conceptions about the subject. The knowledge produced was analyzed by their content in three categories. The evidences provide implications mainly in use of activities like experimentation in occupational therapy professional training.

Keywords: education, occupational therapy, knowledge, instrumentation, methods, activities of daily living.

INTRODUÇÃO

A terapia ocupacional pode ser conceituada como uma ciência e ao mesmo tempo uma arte que possibilita a pessoas, as quais podem apresentar debilidades, incapacidades ou as mais variadas deficiências, realizarem atividades diárias significativas e importantes para seu desenvolvimento (NEISTADT, CREPEAU, 2002)¹³.

Na graduação, a formação do terapeuta ocupacional também envolve aspectos das ciências e artes. Estas últimas se fazem presentes nas atividades, permeiam boa parte do processo de construção profissional dos estudantes, fornecem uma arena para expressão de sentimentos, ações e pensamentos, aspectos importantes na formação acadêmica em terapia ocupacional.

Segundo EMMEL (1998)⁶, a atividade é um tema central na formação profissional e ocupa diferentes espaços em algumas disciplinas da estrutura curricular do curso de graduação em terapia ocupacional. É ensinada e analisada sob vários aspectos, no que se refere a estrutura, função, relação com o paciente, possibilidades que apresenta ao indivíduo, alvo da intervenção e a importância para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional do sujeito.

A diversidade e riqueza das atividades humanas são então um recurso válido para o crescimento do estudante de terapia ocupacional, tanto no que tange ao aprendizado dos fundamentos da profissão, mas também pela possibilidade de crescimento pessoal, em face à expressividade que pode ser facilitada pelo uso das atividades. Portanto, não é de se surpreender, que estudos destinados a compreender como o processo de construção deste profissional ocorre sejam repletos do discurso dos alunos, já que estes são, durante a graduação, os sujeitos de muitas atividades vivenciadas. O “dar voz” ao aluno tem sido uma estratégia para entender como este se encontra no processo de formação profissional, ao passo em que fornece uma aproximação

maior na dialética de ensino e aprendizagem. Na graduação em terapia ocupacional há várias disciplinas que participam dessa formação, dentre elas a de Atividades e Recursos Terapêuticos-II (ART-II).

Essa disciplina é comum nos cursos de terapia ocupacional no Brasil. Na Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, ela tem como objetivo principal possibilitar o conhecimento e vivências de comunicação (verbal e não-verbal) através de recursos e técnicas de expressão corporal, de dança, música, teatro e técnicas de relaxamento, adotadas em terapia ocupacional. Essa disciplina encontra-se na área profissionalizante, no elenco das disciplinas obrigatórias, com dois créditos teóricos e dois práticos (CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL, 2005)⁵.

Durante as atividades da disciplina no ano de 2004, observou-se uma pergunta constante presente nas falas dos alunos, associada a questões oriundas de outras disciplinas, acerca do que é ser terapeuta ocupacional. A partir do envolvimento dos alunos com as atividades na disciplina de ART-II e suas diferentes aplicações, tornou-se pertinente questionar diretamente a eles como entendiam o processo de construção do “ser terapeuta ocupacional” em sua trajetória pessoal.

Essa pergunta constituiu-se em uma das seis que compunham a avaliação final da disciplina. Em face da riqueza das respostas trazidas pelos alunos para este questionamento, pensou-se na viabilidade de socialização do conhecimento que eles produziram ao expressar aquilo que entendem sobre si enquanto sujeitos de uma formação acadêmica em desenvolvimento.

Com essas considerações, foi suscitado o objetivo deste ensaio que se propõe a conhecer as concepções de um grupo de estudantes de terapia ocupacional de uma Instituição de Ensino Superior Pública sobre o processo de construção do “ser terapeuta ocupacional” e discutilas à luz da literatura.

Não são muitas as publicações sobre concepções de alunos de terapia ocupacional, entretanto, a revisão de literatura bem exemplifica que, na terapia ocupacional no Brasil, há algumas pesquisas, ensaios, estudos e relatos de experiência que se voltam ao estudante sob diferentes perspectivas de conhecimento.

PFEIFER (1996)⁹ pesquisou as concepções e expectativas de estudantes recém-ingressos em relação ao curso de formação e sua a profissão. Em outra investigação PINTO e MARTINEZ (1998)¹⁰ estudaram as expectativas, formação e desempenho dos alunos e suas dificuldades. Em outra perspectiva, MEDEIROS (1998)¹² contribuiu com um ensaio no qual os estudantes foram sujeitos de um jogo de imaginação realizado em sala de aula, quando foi abordado o processo de formação pessoal.

HAHN (1999)⁸ investigou os fatores que influenciaram o processo de escolha de áreas de especialidade clínica dos recém-graduados em terapia ocupacional. Já AKASHI (2000)¹ pesquisou sobre o caminhar dos alunos no processo de construção como terapeuta ocupacional, em seu primeiro contato com a clientela com deficiência, de forma imaginária a partir das atividades.

ALMEIDA et. al (2002)² sugeriram métodos de ensino para estudo da atividade em terapia ocupacional e para isso, ouviram os alunos e estabeleceram um diálogo com eles. Em pesquisa mais recente, CRUZ (2004)⁴ investigou como os estudantes brasileiros concebiam a importância da pesquisa científica na graduação e analisou as sugestões reportadas por eles para incrementar esta atividade em sua formação.

Todos os estudos citados enfocam o estudante de terapia ocupacional sob diferentes óticas. Assim, este ensaio soma-se ao conhecimento já produzido e suscita um debate que se baseia nas concepções de estudantes a partir de suas falas. O caminho escolhido para tratar dos dados aqui expostos foi o procedimento de análise

temática do conteúdo. Por tratar-se de um trabalho que discute a formação do terapeuta ocupacional a partir do ponto de vista de um grupo de alunos, optou-se pela análise qualitativa, que permite a indução e discussão dos fatos, não por frequência de aparição, mas pela comunicação individual (BARDIN, 1977)³.

Participaram dessa discussão dezessete (17) alunos do quarto período e que cursavam a disciplina de Atividades e Recursos Terapêuticos-II, do curso de graduação em terapia ocupacional da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, durante o ano de 2004. As respostas dos alunos foram digitadas na íntegra e, a partir de várias leituras de cada resposta reportada, foram elaboradas 3 categorias para discussão: 1) Os paradoxos: certezas e incertezas; 2) O papel das experiências; 3) O autoconhecimento e as expectativas.

1) OS PARADOXOS: CERTEZAS E INCERTEZAS

“Desde o início houve uma crise nesse semestre, que por sinal, foi muito boa, pois fez esclarecer as diversas dúvidas que tinha” (E.22).

“Em outras situações me senti insegura, indecisa e muito preocupada por achar que não tenho embasamento tanto prático quanto teórico para lidar com pessoas/ seres humanos” (E.20).

“... contudo, ainda me acho muito ‘perdida’, não consigo imaginar como e quando farei a tal análise da atividade, se farei, como serei mesmo uma terapeuta e se o que farei será terapia ocupacional” (E.15).

“É difícil escrever a minha construção de ser terapeuta ocupacional. Muitas vezes acho que não sei direito, tenho medos e receios, mas em outros momentos, vejo-me falando da profissão com tanta certeza e segurança, e nesses

momentos vejo que estou no caminho firme da construção e que dentro de mim está muito claro o que é ser terapeuta ocupacional” (E.13).

Ao serem observadas, as falas revelam uma preocupação dos estudantes em estabelecer uma projeção para o futuro de suas carreiras, ainda que o questionamento tenha sido em relação às suas experiências presentes. O momento pelo qual eles passam parece indicar uma incerteza quanto ao lidar futuramente com o outro, o sujeito da terapia ocupacional, ou por outro lado, com a atividade humana e como fazer uso dela, dentro de uma intervenção terapêutica. Seja qual for o foco, para ambas as dificuldades ou medos, estas sempre são em relação ao que virá.

As dificuldades em falar de seu processo de conhecimento pessoal se fizeram presentes em alguns dos discursos. As incertezas e conflitos, que puderam ser identificados nas frases acima, foram interpretados positivamente como parte do processo de construção profissional, muitas vezes necessários para despertar os alunos de modo crítico para sua formação pessoal.

Os conflitos e as dificuldades evidentes nos discursos refletem em hipótese certa insegurança dos alunos quanto aos aspectos relacionados às especificidades do terapeuta ocupacional e seu exercício profissional, tais como a análise de atividade, sua aplicabilidade e escolha de modelos teóricos e práticos em terapia ocupacional que embasam a sua atuação. Isto em parte pode estar ocorrendo pela pouca prática dos alunos no contato com a população assistida pelos serviços de terapia ocupacional.

Para E.13, parece existir uma dualidade entre o saber e não saber contida em seu discurso. As dualidades estão presentes em várias situações cotidianas do ser humano, como a vida e a morte, o começo e o fim, a saúde e a doença, o medo e a coragem. Pela formação acadêmica

ser um momento da vida desses alunos, as certezas e incertezas são outras dualidades naturalmente parte das falas destes. Questões paradoxais foram identificadas em relação às percepções expressadas no conteúdo por meio de palavras: “medos” e “receios” em oposição à “certeza” e “segurança”. Nos outros discursos, a presença de palavras como: “crise”, “dúvida”, “insegura”, “perdida”, “indecisa” e “preocupação” sinalizam para um possível momento de incertezas e conflitos em relação à formação. Em tese, a pouca experiência destes alunos com conteúdos práticos de terapia ocupacional pode ser um dos fatores que influenciaram nessas percepções conflituosas.

Os conteúdos práticos das disciplinas são essenciais na formação em terapia ocupacional. ALMEIDA et. al (2002)² consideram que para se saber utilizar a atividade numa perspectiva terapêutica é necessário experimentar. Para as autoras, essa experimentação deve estar presente nas disciplinas, proporciona um amadurecimento gradual e favorece a construção da identidade do profissional. Experimentar é, portanto, parte do processo de formação do terapeuta ocupacional.

2) O PAPEL DAS EXPERIÊNCIAS

Os estudantes falam de seu processo pessoal de construção como terapeuta ocupacional tendo por consideração as experiências já vividas até então. Com efeito, cabe salientar que no processo de formação desse profissional há um papel importante das experiências acadêmicas e extra-acadêmicas realizadas pelos alunos. Essas experiências, tais como as disciplinas que oportunizam vivências, ao que indicam, são importantes na compreensão do estudante sobre a profissão, ao mesmo tempo permitem entender o processo de construção do terapeuta ocupacional de uma forma menos conflitiosa.

“... as disciplinas do Departamento ajudaram bastante nesse processo, mostrando novas

possibilidades, diferentes visões, e com vivências que ajudaram a sentir essas mudanças. Junto com o estágio que fiz, acho que esse semestre me ajudou a ser mais aberta a novas possibilidades e visões sobre a prática profissional do terapeuta ocupacional” (E.19).

“Acredito muito na contribuição dessas disciplinas vivenciais para o nosso processo de construção profissional, pois para mim, o vivenciar uma atividade é a melhor maneira de explorar suas possibilidades, pensar uma aplicação, uma adaptação” (E.25).

“... A maioria das disciplinas que já passaram trouxeram-me alguns conhecimentos que fortaleceram a idéia da prática profissional” (E.13).

A realização dessas atividades durante a formação em terapia ocupacional é para estes alunos uma forma de contato com a prática profissional. As vivências por eles relatadas, ainda que não sejam com a população, mas com o uso de atividades tem validade no estabelecimento das diferentes formas de sua utilização, que se somam no processo de conhecimento prático. Em outro aspecto, nota-se no conteúdo das falas dos alunos, a importância da conexão entre diferentes disciplinas específicas do curso de terapia ocupacional. Sua interligação favorece a reflexão da análise da atividade (escolha, adaptação, utilização, análise) e sua versatilidade para com a população assistida, como por exemplo, na terapia ocupacional para disfunções físicas, nas ações em saúde mental e na terapia ocupacional social, as quais possibilitam uma ampliação da visão da prática profissional. O conhecimento promovido por disciplinas como ART-II, na qual o autoconhecimento e a criatividade tendem

a ser despertados, fornece uma base para que o aluno possa não somente entrar em contato com o uso e aplicação de atividades, mas também perceber-se no seu processo de construção profissional e de crescimento pessoal. É interessante comentar que essa percepção pode ser promovida pela experiência com a riqueza das atividades humanas.

A experiência de atividades na disciplina de ART-II ainda promove, sobretudo, a possibilidade de o aluno, por meio das atividades, compreender-se melhor na construção como terapeuta ocupacional. Isto também reafirma que cada vez mais atividades como essas possam ser inseridas nas demais disciplinas do curso, com olhares diversificados sobre o ensino e a aprendizagem em terapia ocupacional. Notou-se esta afirmação em outros discursos, nos quais se observaram percepções sobre a atuação profissional:

“... É também porque as matérias desse ano são bem mais próximas à profissão realmente (...) foi também neste ano que eu pude atuar um pouco como futura T.O. através do projeto no qual participo, e que foi responsável por acrescentar muito à noção que eu tinha de T.O.” (E.1).

“As intermináveis discussões em sala de aula sobre terapia ocupacional e, principalmente sobre o que caracteriza a profissão, me levou a diversas reflexões, não só em classe, mas também posteriores, que me proporcionaram um crescimento muito grande” (E.23).

Pela análise do conteúdo dos estudantes E.1 e E.23 notam-se diferentes conotações que as disciplinas assumem em relação à sua função: discussões e reflexões em sala de aula que extrapolam este espaço e proporcionam o pensar sobre as diferentes formas de atuação do terapeuta ocupacional.

Novamente as experiências em projetos acadêmicos dão

para o estudante uma idéia de proximidade do exercício profissional, desta vez com a atuação propriamente dita. A participação em atividades acadêmicas coloca o estudante em contato com os profissionais terapeutas ocupacionais, que podem constituir-se em agentes de interação para o conhecimento sobre as formas de atuação do profissional e por vezes como modelos de atuação:

“Através do contato com terapeutas ocupacionais ou corporais consegui enxergar como cada pessoa usa o recurso e perceber que eu como futura T.O. escolherei a melhor maneira quando for atuar” (E.21).

“Hoje eu sinto uma necessidade de ouvir e de ler sobre profissionais. A forma como trabalham. O significado da terapia ocupacional. As correntes usadas. A visão sobre a atividade. Quando penso que serei uma terapeuta ocupacional, isso é uma alegria. A T.O. me impulsiona bastante. Eu me sinto apaixonada por essa profissão” (E.14).

“Aquela discussão com a profissional X, foi muito importante, porque resgatou coisas, esclareceu outras, e me trouxe ainda mais questionamentos. Eu acredito também que essa é uma das principais vias de construção do profissional, o questionamento” (E.12).

Uma mediação entre o discurso de E.12, E.14 e E.21, permite discutir a importância dos profissionais enquanto modelos para os alunos em sua construção como terapeutas ocupacionais. Ao que mostram as falas, os profissionais são como um meio para identificar algumas formas de uso da atividade enquanto recurso, ou seja, para conhecer os fundamentos da prática da terapia ocupacional.

A figura do professor também tem papel importante na formação dos alunos. Em sua tese de doutorado, HAHN (1999)⁸ comenta que o professor/ supervisor sem dúvida destaca-se como um “modelo”, fornecendo bases para que o aluno possa começar a elaborar sua própria imagem de profissional e de como intervir dentro de uma área de intervenção específica.

Por outro lado, também deve-se salientar que a relação entre o ensino e a aprendizagem não é centrada na figura do docente, mas também abrange o aluno, profissionais (da terapia ocupacional e áreas afins) e comunidade acadêmica que possam ser convidados a participar e contribuir. Concebe-se que esses profissionais podem trazer o seu conhecimento e instrumental prático para sala de aula; envolver os alunos nas discussões e questionamentos, possibilitar reflexões sobre a prática de todos (aluno, docente e profissional).

Na medida em que os estudantes de terapia ocupacional têm como modelo seus professores, as atividades realizadas, suas próprias experiências com a população-alvo e com vários profissionais da área ou afins, a articulação entre a teoria e prática tende a tornar-se mais facilitada pela riqueza que as diferentes experiências e contatos proporcionam.

Por outro lado, a construção do tornar-se um terapeuta ocupacional se apresenta na concepção de alguns dos alunos como algo que não ocorre de forma rápida e ao final do curso de graduação, como se em um “passe de mágica”, com o recebimento do diploma, a formação estaria acabada, mas sugere ser uma formação contínua, em desenvolvimento.

“Creio que meu processo pessoal de construção da profissão esteja no caminho certo, porém a busca pelo conhecimento na área será infinita” (E.11).

“... é claro que não é de uma hora para outra que se descobre o que é ser T.O. É um processo

que precisa ter várias partes a serem juntadas, partes essas formadas por textos, definições, vivências, e que possuem uma total ligação entre elas” (E.25).

Na percepção desses estudantes, é gradativa a construção do “ser terapeuta ocupacional”, o que se pode caracterizar como algo em continuidade, e que para E.25 significa o nexos entre a teoria e a prática como questão emergente nesse processo. Ressalta-se que muitos são os caminhos de educação continuada em terapia ocupacional atualmente. Destaca-se o papel representativo dos estudos contínuos, que podem se dar pela atuação clínica (essencial para a consolidação da prática), nos aprimoramentos profissionais, nas pós-graduações *stricto e latu-sensu*, nos cursos de formação, na participação em eventos científicos de sua própria área ou de áreas afins, nos grupos de estudos, enfim, na atualização constante que essas atividades podem oferecer.

Ampliando essa discussão no processo de construção de tornar-se um terapeuta ocupacional, HAHN (1999)⁸ reporta que uma atenção deve ser direcionada para a prática de diversas formas de educação continuada e permanente, pois essas são fundamentais para a construção da identidade do profissional da terapia ocupacional. Essa autora destaca que o próprio perfil curricular merece atenção no que compete a elaborações e reformulações com o propósito de fornecer ao futuro profissional as várias possibilidades de educação continuada em uma ou mais áreas.

Assim, parece ser essencial despertar para essa questão ainda durante a graduação, momento em que os estudantes de terapia ocupacional começam a conhecer as diferentes áreas de atuação do profissional, bem como futuramente as possibilidades de aprimoramento profissional a seguir, após finalizarem esta etapa.

3) O AUTOCONHECIMENTO E AS EXPECTATIVAS

Falar do sentido de formar-se um terapeuta ocupacional representou para os estudantes uma não dissociação de questões pessoais, ou seja, de seu autoconhecimento. Simboliza que cada aluno traz consigo um conteúdo singular a ser considerado e que não pode ser desvinculado de sua formação pessoal e individual. Fica mais evidente o entendimento desta afirmação ao serem identificadas as frases recortadas de alguns discursos:

“... estou num processo muito intenso de autoconhecimento, buscando sempre melhorar para que, me entendendo, possa depois passar a entender o outro” (E.18).

“Considero que a própria questão ‘o que é terapia ocupacional’ se modificou para ‘o que é ser terapeuta ocupacional’ pois a disciplina possibilitou com um maior autoconhecimento e reflexão sobre minhas possibilidades e limites” (E.5).

“... através de várias reflexões e através dos sentimentos que as aulas me provocam. Essa construção para mim tem caminhado junto com a construção de mim, com o meu autoconhecimento, com maior percepção das minhas ações e com novas maneiras de agir e pensar” (E. 16).

“As vivências são sempre importantes nesse processo pessoal de construção do que é ser T.O., e a disciplina ART-II foi importante para mim neste ponto; pude me envolver bastante com atividades, sentir na ‘pele’ como cada uma delas mexe com as emoções, com o corpo e sentimentos” (E.9).

Nota-se, a partir dos relatos acima que as atividades podem ter diferentes objetivos. Neste caso, esses visam ao autoconhecimento, diferentemente daqueles

apontados na categoria *O papel das experiências*. Ainda analisa que há uma conexão feita pelos alunos com as outras disciplinas já cursadas, uma vez que não se detiveram a expressar somente sobre a disciplina em questão (ART-II), o que pode indicar que eles estão fazendo articulações entre as disciplinas do curso.

O docente tem um papel fundamental na facilitação dessa articulação, pois acompanha o aluno em seu processo de construção. Uma das formas propostas para tal atuação na relação pedagógica é a sugerida por PINTO e MARTINEZ (1998)¹⁰, ao afirmarem a importância das atitudes do professor como elemento essencial no conhecimento de situações que envolvem o aluno e que por vezes vão além do espaço da sala de aula. Reitera-se então, que a história acadêmica do aluno deve ser vivenciada também pelo professor.

Observou-se que as atividades são presentes nos discursos sob diferentes finalidades, tais como:

- a) para sentir e vivenciar estas experiências com o propósito de intervir no outro futuramente;
- b) como conhecimento do “ser terapeuta ocupacional” para a partir deste entender o que é a própria profissão;
- c) de autoconhecimento para entender seus limites pessoais, possibilidades, ações, pensamentos e sentimentos.

Com otimismo, as perspectivas em relação ao futuro renovam a possibilidade de construção de terapeutas ocupacionais que primam pela capacitação, educação continuada e crescimento pessoal. Essa continuidade na formação do profissional é importante de ser despertada a partir da utilização de diversas atividades e da possibilidade de aplicação com grupos de populações os mais amplos possíveis.

Uma perspectiva social para o uso de atividades é destacada por TOLDRÁ (2003)¹¹, ao enfatizar que a formação do terapeuta ocupacional é um processo contínuo durante toda a vida profissional e que durante a graduação é necessário desenvolver atividades

integrativas, de maneira que o aluno se torne responsável pela sua formação, participe de atividades acadêmicas e desenvolva diferentes vivências para ampliar seus recursos.

A autora acrescenta que esse processo não deve ser realizado somente por transmissão de conhecimentos, mas para propiciar ao aluno, oportunidades para elaborar habilidades técnicas e pessoais, a fim de que no exercício profissional futuro, ele possa ser capaz de interagir com a sociedade, visando a transformá-la.

“Esse processo é contínuo e a construção do que é ser T.O. vem ocorrendo pouco a pouco. Um grande passo foi dado, acho que estou na metade do caminho, mas muito ainda tem que ser descoberto” (E.6).

“Enxergo que há muitos desafios e muitas coisas para serem feitas no nosso meio profissional e por isso é necessário que haja construção do terapeuta ocupacional e essa construção se inicia no processo pessoal” (E.14).

“Desta forma poderei fazer no futuro, boas associações podendo inserir essas atividades em intervenções” (E.9).

“Creio que daqui para frente meu processo pessoal em direção a tornar-me uma terapeuta ocupacional só tem a crescer e eu estou me esforçando para que aconteça da melhor maneira possível” (E.1).

Para o futuro, a prática profissional é vista pelos estudantes acima de forma positiva, como de uma boa atuação, na qual os desafios e os esforços constantes farão parte do processo de construção do “ser terapeuta ocupacional”. Para isso, identificou-se que uma das

formas de se viabilizar esse caminho será pela habilidade de fazer a articulação entre a teoria e prática, isto é, a associação das atividades nas intervenções clínicas, um desafio constante para terapeutas ocupacionais.

CONSIDERAÇÕES PARA PENSAR SOBRE A EDUCAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

Esta discussão teve por propósito conhecer um pouco sobre a construção do tornar-se terapeuta ocupacional para um grupo de alunos da disciplina de ART-II, do curso de graduação em terapia ocupacional da UFSCar. Estima-se que as percepções apresentadas nesse ensaio possam trazer contribuições para a relação dialética de ensino-aprendizagem no curso de graduação em terapia ocupacional, no tocante à participação ativa do aluno ao opinar acerca de sua formação acadêmica, bem como direcionar suas transformações. Ao docente, é importante uma reflexão contínua de suas atitudes e da sensibilidade em reconhecer que também pode aprender ao ensinar, ao compartilhar com outros a produção de conhecimento.

Em sua “Pedagogia da Autonomia”, FREIRE (1996)⁷, ao dissertar sobre saberes necessários à prática educativa, propõe a possibilidade do ‘aprender-ensinando’. Alguns dos ideais por ele apontados estão na consideração de que o ato de ensinar exige reflexão e crítica sobre a prática, a consciência do inacabado, do respeito à autonomia do “ser educando”, a compreensão de que educar é uma forma de intervenção no mundo, e o que neste ensaio contemplamos como ponto de vista, a disponibilidade para o diálogo com o aluno.

Pensar que um diálogo requer a interação entre duas ou mais partes leva a refletir que é preciso ouvir mais os alunos, oferecer oportunidades para discussão sobre a construção de uma identidade profissional, e isto também é uma aprendizagem. As atividades, tão debatidas e analisadas na terapia ocupacional em sua clínica, são no sentido educativo, um meio para o aprendizado dos alunos, e numa relação recíproca, do

próprio docente, a partir do momento em que ele, coletivamente, pode identificar lacunas, necessidades, fazer adequações, reavaliações e transformações no processo de ensino em terapia ocupacional.

Há reflexões que devem ser reafirmadas: uma delas é a importância de disciplinas como ART-II, por oferecerem diferentes possibilidades de experiências práticas com atividades e discussões teóricas, que se somam no entendimento do aluno sobre si próprio, do outro e num campo maior, da prática profissional. Assim, este aspecto da estrutura da disciplina em teoria e prática fornece ao aluno uma ampliação do campo de conhecimento na terapia ocupacional. Acrescenta-se que os dados aqui discutidos não são considerados como resultantes apenas da experiência da disciplina ART-II, mas das articulações que os alunos fizeram com as disciplinas já cursadas, ainda que o questionamento tenha sido feito sobre como estes se percebiam após o final da disciplina mencionada.

Como se fez presente de forma subjetiva no relato dos alunos, as experiências acadêmicas e extra-acadêmicas, o contato com profissionais, os conflitos, os questionamentos, têm papel importante na construção do profissional e, quando reunidos, favorecem a eles uma melhor visão do desenvolvimento de sua formação. Pelas atividades, os estudantes constroem-se terapeutas ocupacionais e exercitam um papel de pesquisadores, a partir do momento em que as atividades os levam a coletar dados sobre sua realidade e a analisá-los para produzirem conhecimento novo.

Pelos discursos, percebeu-se que o estudante de terapia ocupacional ao entrar em contato com o universo das atividades humanas, não somente inicia um processo de aprendizagem sobre como utilizá-la para a prática, mais que isso, começa a elaborar reflexões sobre o tornar-se um terapeuta ocupacional, na medida em que expressa seus sentimentos, pensamentos e ações por meio deste recurso.

Logo, as preocupações acerca do conhecimento de algumas concepções de alunos são relevantes para se tentar refletir sobre como o ensino se desenvolve na prática, e assim estabelecer suas implicações para a aprendizagem dos alunos em sua formação. A relação entre o ensino-aprendizagem, então, não deve ser focalizada na figura do professor, mas ser compartilhada com o aluno, como elemento que participa ativamente em sua formação, a partir do momento em que expressa seus anseios, desejos, críticas, percepções e sugestões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AKASHI, L.T. Construindo-se como terapeuta ocupacional. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos, XIII, 2000, v.8 (1), jan/jun. p. 38- 47.
2. ALMEIDA, T.C.B. et al. Dialogando sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades e recursos terapêuticos. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos, X, 2002, v.10 (2), jul/dez. p. 129- 135.
3. BARDIN, L. Análise do conteúdo. Rio de Janeiro: edições 70, 1977. 225 p. Tradução por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Do original: L'Analyse de Contenu.
4. CRUZ, D.M.C. Investigação científica na terapia ocupacional: visões e perspectivas dos discentes no contexto brasileiro. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 11 (1), jan/jul. p. 21-37, 2004.
5. CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL. Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, 2005, 40p.
6. EMMEL, M. L. G. A formação do terapeuta ocupacional: desafios para a próxima década. Revista de Estudos Universitários de Sorocaba, SP, v. 24, no.1, Jun. 1998, p. 9-16.
7. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).
8. HAHN, M.S. O processo de escolha de áreas de especialidade dos recém-graduados em terapia ocupacional: a opção pela psiquiatria e saúde mental. 1999. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas. Tese (Doutorado). 196 p.
9. PFEIFER, L.I. TO: análise de concepções e expectativas de alunos recém ingressos no curso, com relação ao mesmo e a profissão. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos, V, v.5 (2), ago/dez, 1996. p. 101-110.
10. PINTO, J.M.; MARTINEZ, C.M.S. Expectativa, formação e desempenho: as dificuldades dos alunos do curso de terapia ocupacional da UFSCar. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos, VII, v.7 (1), jan/jun, 1998. p. 20-28.
11. TOLDRÁ, R. C. Reflexões acerca da terapia ocupacional na atenção à pessoa portadora de deficiência física. In: PÁDUA, E. M. M; MAGALHAES, L. V. (orgs). Terapia ocupacional: teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 2003.
12. MEDEIROS, M.H.R. A influência do professor-educador na formação do terapeuta ocupacional. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos, VII, v.7 (2), jul/dez, 1998. p. 88-92.
13. NEISTADT, M.E.; CREPEAU, E.B. Introdução à terapia ocupacional. In: Willard & Spackman Terapia Ocupacional. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p.3-9. Tradução de Willard & Spackman Occupational Therapy.